

**Vidas Secas na Zooliteratura: Uma Análise das Relações entre o Animal Humano e o Não-Humano na Obra de Graciliano Ramos**

**Vidas Secas in Zooliterature: An Analysis of the Relations between the Human Animal and the Non-Human Animal in the Work by Graciliano Ramos**

Elisângela Campos Damasceno Sarmiento<sup>1</sup>

Instituto Federal do Piauí

Geraldo Jorge Barbosa de Moura<sup>2</sup>

Universidade Federal Rural de Pernambuco

**Resumo:** Em 1938, o escritor Graciliano Ramos publica a obra intitulada *Vidas Secas* que se enquadra na prosa regionalista da segunda fase do Modernismo brasileiro, pondo em evidência a vida dos retirantes e dos animais não-humanos em meio a longos períodos de estiagem. Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo investigar, sob o método da Análise do Discurso de Linha Francesa e da perspectiva Zoocrítica – que estuda as imbricações entre a Literatura e os animais -, as relações do animal humano com o animal não-humano presentes na obra em exame, dialogando, também, com o ambiente, a sociedade e a cultura, traçando, assim, representações do sertanejo e do sertão. Diante do exposto, os discursos dos personagens da obra em epígrafe demonstram a animalidade do humano em alguns momentos da narrativa e, em outros, a sciência do animal não-humano, mais precisamente da “cachorra Baleia”, que apresenta sentimentos e emoções, evocados literariamente. Por conseguinte, a Zoocrítica constitui-se como uma área de investigação interdisciplinar e transdisciplinar, suscitando uma profícua ferramenta à compreensão das relações do humano com o animal não-humano numa dinâmica holística e, portanto, que busca uma visão integral, aproximando o todo às partes e as partes ao todo. Nessa direção, o presente manuscrito se lança como um importante substrato na interpretação das relações humano-não humano-ambiente, podendo despertar novas percepções e análises diante dessa temática em ebulição.

**Palavras-chave:** Ecologia Humana; Zoocrítica; Literatura.

**Abstract:** In 1938, the writer Graciliano Ramos publishes the work entitled *Vidas Secas* which it fits into the regionalist prose of the second phase of Brazilian Modernism, highlighting the life of migrants and non-human animals in through long periods of drought. In this context, this research aims to investigate, under the method of Discourse Analysis of French Line and the Zoocritical perspective – which studies the overlaps between Literature and animals -, the relationships of the human animal with the non-human animal present in the work under

<sup>1</sup> Professora e pesquisadora do Instituto Federal do Piauí. E-mail: [elisceno@ifpi.edu.br](mailto:elisceno@ifpi.edu.br)

<sup>2</sup> Geraldo Jorge Barbosa de Moura - Pós-Doutor em Comportamento pelo Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto/Portugal. Doutor em Ciências Biológicas pela UFPB-UFRN/Brasil e UBA/Argentina. Professor Adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Recife-PE. Professor do Programa de Pós-graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental – UNEB; do Programa de Pós-graduação em Biodiversidade – UFRPE; do Programa de Pós-graduação em Biociência Animal – UFRPE; do Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais – UFRPE; do Programa de Pós-graduação em Território, Ambiente e Sociedade – UCSAL. Autor do artigo “Topofobia e topofilia em “A Terra”, de “Os Sertões”: uma análise ecocrítica do espaço sertanejo euclidiano”, Revista Sociedade & Natureza, maio/agosto, 2014, e-mail: [geraldo.jbmoura@ufrpe.br](mailto:geraldo.jbmoura@ufrpe.br). E-mail: [geraldo.jbmoura@ufrpe.br](mailto:geraldo.jbmoura@ufrpe.br)

examination, also dialoguing with the environment, society and culture, tracing, thus, representations of the sertanejo and of the sertão. Given the above, the speeches of the characters in the above work demonstrate the animality of the human in some moments of the narrative and, in others, the sentience of the non-human animal, more precisely of the “Whale dog”, which presents evoked feelings and emotions literally. Therefore, Zoocritics constitutes an area of interdisciplinary and transdisciplinary research, providing a useful tool for understanding the relationships between humans and non-human animals in a holistic dynamic and, therefore, seeking an integral vision, bringing the whole closer to the parts and parts as a whole. In this direction, the present manuscript is launched as an important substrate in the interpretation of human-non-human-environment relations, which may awaken new perceptions and analyzes in light of this ebullient theme.

**Keywords:** Human Ecology; Zoocriticism; Literature.

**Recebido em 19 de novembro de 2021.**

**Aprovado em 6 de Agosto de 2022.**

## **Introdução**

*A priori*, ressalta-se que, de acordo com Maria Esther Maciel (2016), uma das principais pesquisadoras brasileiras a dar início aos estudos sobre a Zooliteratura na América Latina, a origem do termo “Zoocrítica” remonta ao final do século XX, e apresenta um caráter inter e transdisciplinar, sinalizando, assim, o estudo dos animais na imbricação com o ambiente físico, a sociedade e a cultura, além das relações do homem com o animal não-humano, numa associação direta entre a Arte e os animais.

Nesse contexto, conforme Maciel (2016), a Zooliteratura – correlação entre a Literatura e os animais – é um ramo dos Estudos Animais, que surgiu, nos anos de 1970, nos países de língua inglesa, com uma forte presença na Austrália e nos EUA e, mais tarde, alcançou demais nações, inclusive o Brasil. Desse modo, em sua gênese, os Estudos Animais absorvem áreas interdisciplinares, como Zoologia, Ecologia, Filosofia, Ciências Políticas, Antropologia, Direito, Artes, Literatura, entre outras.

Vale acrescentar que, consoante Maciel (2016), há dois eixos que sustentam os Estudos Animais: o que se refere ao animal propriamente dito e à chamada “animalidade”, e o que se volta para as complexas e controversas relações entre homens e animais não-humanos. Nesses termos, a Zooliteratura insere-se neste último. Logo, a Zooliteratura estuda não só os animais nas obras literárias, mas a questão da animalidade e do limite do humano.

Nessa direção, Maciel (2016) pondera que a Zooliteratura designa o conjunto de diferentes práticas literárias ou de obras (de um autor, de um país, de uma época) que se voltam para os animais, numa visão que transcende a perspectiva das representações

metafóricas que marcaram e, ainda hoje, marcam as fábulas na Literatura, estando, pois, presentes na pedagogia infantil como elemento de formação humana.

Segundo Maciel (2016), hodiernamente, a Zooliteratura procura envolver-se com temas contemporâneos, uma vez que as condições animal e humana são discutíveis e carecem de análises cada vez mais profundas. Portanto, as discussões atuais pautadas pela Ecologia Humana dialogam com a Zooliteratura, visto que ambas levantam o debate sobre os conceitos de humano, humanidade, animal e animalidade, na imbricação com os problemas socioculturais e simbólicos do tempo presente. Antes, como ponderou a autora, o interesse pela presença do animal na literatura era voltado, predominantemente, para a análise textual.

Sob um espectro histórico, pondera-se que, segundo Maciel (2011), a primeira referência aos animais numa discussão da condição humana foi feita pelo filósofo francês Michel de Montaigne, ainda no século XVI, mais precisamente em 1580, quando publicou, pela primeira vez, os ensaios *Da crueldade e Apologia de Raymond Sebond*. Desse modo, Montaigne representa o marco inicial desses estudos, que buscaram questionar a superioridade do homem na escala dos animais e a ética na relação homem-animal.

Ademais, tais ideias foram disseminadas ao longo dos séculos e influenciaram inúmeros filósofos, como o francês Jacques Derrida que, na obra *O animal que logo sou*, publicada no Brasil, em 2002, busca contestar a ausência de raciocínio e de linguagem em inumanos, com o intuito de desconstruir o humanismo logocêntrico do Ocidente, difundido pelo pensamento cartesiano-positivista do paradigma clássico.

No Brasil, quanto ao desenvolvimento de linhas de pesquisa interdisciplinares no campo da Zooliteratura, merecem destaque os trabalhos do professor e filósofo da Universidade Federal do Pará, Benedito Nunes, que falecera em 2011, deixando um legado incomensurável a essa área do conhecimento ao buscar a articulação entre Literatura, Filosofia e Antropologia.

Outrossim, contemporaneamente, além de Maciel (2016), sublinham-se, no campo da Zoocrítica, os estudos do antropólogo e professor do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Eduardo Viveiros de Castro, que inaugurou, sob a perspectiva das culturas ameríndias, uma instigante linha de pensamento acerca da animalidade, sendo, portanto, um expoente vigoroso nesse ramo científico.

Dessarte, a Zooliteratura, como pondera Maciel (2016), pretende romper com o humanismo antropocêntrico, que começou a ser evidenciado na história da humanidade no final do século XV e ainda hoje vigora no discurso científico, concedendo ao homem uma condição superior aos outros animais. Essa visão de mundo, contemporaneamente, é chamada de especismo, que considera o animal humano como dotado de superioridade com relação aos outros habitantes do planeta. Dessa forma, a Zooliteratura propõe tal ruptura, sugerindo o reconhecimento da senciência dos animais e da animalidade do humano numa ambivalência de relações que não são antagônicas, mas que coexistem e se complementam.

Nesse contexto, segundo Maciel (2016), os autores que se debruçam na Zooliteratura se voltam para os animais tomados como animais, subtraídos da carga alegórica e metafórica que a tradição das fábulas depositou sobre o mundo zoo. Por conseguinte, são escritores que concebem os animais como sujeitos, seres dotados de inteligência, sensibilidade e saberes sobre o mundo, como também exploram, literariamente, as relações entre humanos e não-humanos, humanidade e animalidade. Para Borges & Guerrero (1966), a Literatura moderna coloca-se, portanto, como o espaço ficcional por excelência para a prática de todas as zoologias possíveis, tanto a que busca a realidade como a fantástica.

Em adição, a Zooliteratura, num viés mais contemporâneo, vincula-se às discussões acerca das questões ecológicas, decorrentes não só de uma série de catástrofes ambientais que passaram a assolar o planeta Terra, mas também da tomada de consciência mais efetiva dos problemas éticos que envolvem a interação do animal humano com os animais não-humanos e com o próprio conceito de vida e de humanidade, a fim de desenvolver uma relação de coexistência e, portanto, não-hierárquica.

Nessa perspectiva, consoante o crítico literário Alfredo Bosi (2006), Graciliano Ramos, na obra *Vidas Secas*, sublinha, em cada personagem, a face da opressão e da dor, enquadrando-se, no contexto literário, como uma obra de engajamento social e político. Sendo assim, mediante a arte da palavra, o autor critica, na obra em exame, a penúria vivenciada pelos retirantes e pelos animais do sertão alagoano, que são invisibilizados por um sistema político excludente. Além disso, põe em relevo a relação do humano com o inumano num tom que refuta a visão antropocêntrica e discute a animalidade do homem e a senciência do animal.

Sob esse viés, acrescenta-se que Graciliano Ramos, na obra *Vidas Secas*, além de analisar, objetivamente, a vida dos retirantes e a relação do humano com o não-humano, mediante o trajeto de uma família (“Fabiano, sinhá Vitória, o filho mais novo, o filho mais velho e a cachorra Baleia”), soube, também e primordialmente, descortinar os pensamentos, sonhos e ideias que povoavam o mundo interior desses personagens, concedendo relevo ao universo psíquico desses indivíduos.

Ademais, acerca da biografia de Graciliano Ramos, salienta-se que, segundo Afrânio Coutinho (1984), o autor nasceu em 1892, na cidade de Quebrângulo-AL, e foi um escritor intenso e reconhecido pela crítica literária, inclusive, a obra *Vidas Secas*, romance de maior destaque do autor, foi levada para o cinema e traduzida para diversos países. Além disso, Graciliano, em face do grande sucesso dessa obra, alcançou o prêmio da Fundação William Faulkner, dos Estados Unidos, sendo elogiado por apresentar uma visão crítica das relações do humano com o animal não-humano, saindo do regional (Nordeste brasileiro) e atingindo uma esfera social-psicológica de interesse universal.

Isso posto, o presente estudo tem como objetivo analisar, a partir da obra *Vidas Secas*, as relações entre o humano e o animal não-humano na imbricação com o ambiente, a sociedade e a cultura, traçando, assim, representações do sertanejo e do sertão. Por último, ressalta-se que esta investigação parte da hipótese de que os discursos dos personagens da obra em questão demonstram a animalidade do humano e a senciência do animal não-humano, mais precisamente da cachorra Baleia, que apresenta sentimentos e emoções.

## **1 Material e métodos**

A partir desses elementos contextuais, esta pesquisa assenta-se na obra *Vidas Secas* (1938/2013), de Graciliano Ramos, que reúne breves treze capítulos e adota como metodologia a Análise do Discurso de Linha Francesa que, segundo Michel Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Isso posto, o indivíduo é questionado em sujeito pela ideologia e é, assim, que a língua faz sentido.

Dessa forma, Eni Orlandi (2012) coaduna a Análise do Discurso de Linha Francesa na qual considera as condições de produção em que a obra foi escrita, o contexto histórico-social do país e a história de vida do autor, destacando, pois, essas três características como muito relevantes para a análise deste estudo, visto que é através dessas ferramentas que será realizada a análise do discurso na obra em questão. Ademais,

na concepção de Orlandi (2012), há de se levar em consideração os fatores histórico-sociais que envolveram a produção do discurso e também os sentidos implícitos e explícitos do texto.

Vale apontar, ainda, que, na análise do discurso, consoante Orlandi (2012), procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico na relação do homem com a sua história e com as construções sociais, norteadas pela capacidade de significar e significar-se, validando, assim, tais sentidos no discurso do autor através das considerações de suas condições de produção, as quais compreendem, principalmente, o sujeito e a situação (contexto imediato e contexto amplo).

Nesse sentido, salienta-se que, para compreender as condições de produção no que tange ao sujeito que enuncia – Graciliano Ramos – e a situação, foi realizada pesquisa bibliográfica relacionada ao autor e ao período histórico em que se insere a obra *Vidas Secas*, além de ter sido considerada a ideologia intrínseca ao discurso produzido pelo sujeito que fala no texto consoante os estudos de Pêcheux (1975).

Ademais, destaca-se que foi adotada a perspectiva zocrítica como mais um mecanismo de análise, tendo em vista que, conforme Maciel (2016), as relações entre a Literatura e os estudos animais são bastante relevantes para uma criteriosa e abrangente investigação em torno das relações ser humano-não-humano-ambiente, considerando o universo interdisciplinar que permeia a dinâmica da vida em sociedade na imbricação com a cultura e a natureza

Sendo assim, para construir o marco teórico deste artigo, foram acessadas 25 publicações, dentre elas: artigos científicos e ensaios, localizados em periódicos online e em anais de eventos disponíveis eletronicamente, que remontam a uma janela temporal dos últimos 20 anos, além de e-books e livros físicos, cuja totalidade do referencial teórico data de 1915 (obra clássica) até consultas que foram realizadas em sites da internet no primeiro semestre de 2021.

## **2 Resultados e discussão**

Conforme Antonio Candido (2009), a Literatura, ao longo da história, vem se configurando como um terreno fértil que tem produzido ricos frutos, como as obras literárias, saciando a avidez de conhecimentos do ser humano, com vistas a entender melhor as relações interpessoais e aprofundar o saber sobre si mesmo. Nesse caminho, desponta-se, nos anos de 1970, conforme Maciel (2011), a Zooliteratura que busca

analisar a relação do homem com o animal não-humano, além de refletir sobre a própria condição humana.

Sobre essa tônica, a obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, mostra-se bastante frutífera, uma vez que mergulha na profundidade do animal não-humano, principalmente a partir da personagem “Baleia”, uma cachorra solidária e preocupada com sua família: “Fabiano, sinha Vitória, o menino mais novo e o menino mais velho” como se pode atestar nos excertos a seguir: “E foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiaria a morte do grupo” (RAMOS, 2013, p. 7); “Baleia agitava o rabo, olhando as brasas. E como não podia ocupar-se daquelas coisas, esperava com paciência a hora de mastigar os ossos” (RAMOS, 2013, p. 8).

Consoante a pesquisadora Maria Esther Maciel, numa entrevista concedida ao jornalista Gianni Melo, em 2016, *Vidas Secas* é um livro fundamental para a Zooliteratura, e a autora alfineta que caracterizar a cachorra Baleia como um animal humanizado é, no mínimo, errôneo, uma vez que os animais são sencientes e, portanto, expressam sentimentos. Isso posto, conforme a pesquisadora, as qualidades emocionais, comportamentais e cognitivas que Baleia apresenta na obra em epígrafe não são peculiaridades exclusivas do ser humano e, portanto, impróprias para caracterizar um animal inumano. Pelo contrário, tanto o humano apresenta animalidade como o animal não-humano expressa emoções, como por exemplo dor ou alegria.

Ademais, Maciel (2016) assinala a importância de se admitir, no meio acadêmico, a complexidade do comportamento animal, sendo, portanto, permeado de nuances. Aceitas essas considerações, a escritora pondera que “Baleia” e os outros animais não-humanos podem, sim, ser capazes de gestos de altruísmo, de demonstrações de solidariedade, de compreender alguns aspectos da vida, além de sinalizar medo e lutar pela própria sobrevivência.

Logo, de acordo com Maciel (2016), se “Baleia” tem traços que lembram os humanos, e os humanos têm traços animais, é porque o escritor alagoano Graciliano Ramos tratou dos mundos humano e não-humano como sendo feitos de porosidade. Em outros termos, quando um está em contato próximo do outro, eles se contaminam reciprocamente. Nesse sentido, a humanidade de um personagem se confunde com a animalidade do não-humano numa mútua relação, independentemente da espécie a que pertencem.

Sendo assim, analisando a “cachorra Baleia” sob a perspectiva da Zooliteratura, observa-se um distanciamento de Graciliano Ramos quanto à visão antropocêntrica, dando vazão ao altruísmo da personagem não-humana, considerando-a um ser digno de grandes sentimentos, como o amor e a solidariedade, conforme já sinalizava o filósofo Michel de Montaigne (1980), alertando quanto à presunção do homem em se considerar o único vivente capaz de expressar emoções.

Sob outro viés, o autor de *Vidas Secas* assinala a animalidade do humano “Fabiano”, cujo desejo de morte foi ativado, num momento de desespero em face da extrema fome pela qual passava, despertando, assim, a “pulsão de destruição” consoante apregoa Freud (1915a, 1915b), o que pode ser corroborado nos excertos a seguir:

O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão. — anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai. Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça (RAMOS, 2013, p. 6).

Nesse contexto, a superioridade do homem torna-se discutível e, portanto, passível de contestação. Desse modo, segundo Maciel (2011), o antropocentrismo (Humanismo) que teve início no final do século XV e, ainda hoje, vigora como discurso hegemônico das academias carece de refutação. Partindo dessa premissa, a Zooliteratura surge como um movimento científico contra-hegemônico que pretende refletir sobre a necessidade de rechaçar a visão antropocêntrica, visto que o animal humano pode ter, em diversas situações, a sua animalidade aguçada, bem como o animal não-humano pode revelar-se sensível e generoso.

Nesse ínterim, consoante Freud (1915a, 1915b), a essência humana é ambivalente. Há, pois, tanto a pulsão de vida como a de morte, e, para o pai da psicanálise, esta última pode ser preponderante em algumas situações adversas, todavia estará a serviço da pulsão de vida, como elemento de superação dos obstáculos em meio às adversidades, suscitando, assim, a possibilidade de sobrevivência.

Em vista disso, esclarece-se que a pulsão de morte como motivação gera o empobrecimento do psiquismo, porém, como observado no cotidiano do sertanejo, para lidar com as adversidades da estiagem, tal pulsão apresenta-se como elemento de vida, incitando-o ao objeto de desejo, ou seja, a luta pela sobrevivência, que pode ser exitosa pela plasticidade de se tornar agressivo, mais competitivo e, conseqüentemente, vitorioso (FREUD, 1915a, 1915b; GREEN, 1988).



Nessa linha de raciocínio, durante muitos anos, também se difundiu que, para o pai do evolucionismo Charles Darwin (1981), a competição (pulsão de morte na visão de Freud) era a característica predominante na natureza humana. Entretanto, segundo a análise da obra “A Descendência do Homem”, de Darwin (1981), mencionam-se duas vezes a sobrevivência do melhor e noventa e cinco vezes a palavra amor. Desse modo, o que prevalece na obra em epígrafe é o comportamento como colaboração. Sendo assim, os modelos freudiano e darwiniano são duplos e, portanto, pode emergir a cooperação (pulsão de vida) ou a competição (pulsão de morte), e essa dualidade faculta ao ser humano lidar com as diversas facetas da vida.

Dessarte, pondera-se que a obra *Vidas Secas*, segundo Alfredo Bosi (2006), foi o último romance de Graciliano Ramos, escrito depois da profunda dor que enfrentara nos porões de navios e cubículos fétidos por onde permaneceu preso por quase um ano, durante o Estado Novo (período da ditadura Vargas), sobrevivendo como um bicho desprezado em meio a um ambiente insalubre. Essa experiência foi essencial para a descrição dos retirantes na obra em apreço: “— Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta”; “E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra” — “Você é um bicho, Fabiano”; “— Um bicho, Fabiano” (RAMOS, 2013, p. 9). Outrossim, emerge-se a imagem de uma vida humana degradante como grande parte dos animais não-humanos que são maltratados, sobrevivendo com poucos recursos disponíveis.

Nesse contexto, reitera-se que algumas experiências do personagem Fabiano remetem a fatos vivenciados pelo autor. Uma delas foi a prisão injusta (sem acusação e sem defesa) a que ambos foram submetidos. Segundo Patto (2012), em 1936, Graciliano Ramos, no Governo totalitário de Getúlio Vargas, ficou enclausurado por quase um ano em porões de navios e celas de presídios, entre os quais o campo de trabalhos forçados da Ilha Grande, no litoral do Estado do Rio de Janeiro. E “Fabiano”, personagem da obra em exame, sofreu agressão (física, moral e psicológica), praticada por policiais, e permaneceu preso por uma noite, sem ter cometido delito algum como atestam os excertos a seguir: “Então por que um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele?” (RAMOS, 2013, p. 13).

Destaca-se, portanto, que tanto personagem como autor sofreram injustiças e se rebelaram contra elas. Nesse sentido, em momento algum do enredo da obra, “Fabiano” se conforma com a barbárie de que foi vítima: “A ideia de ter sido insultado, preso, moído por uma criatura mofina era insuportável” (RAMOS, 2013, p. 35). De maneira similar, o

autor, enquanto existiu, lutou contra as truculências voltadas às populações mais desprovidas econômico e socialmente. Para tal, utilizou-se da arte, do jornalismo e do engajamento político como atestam a vida e a obra do autor.

Isso posto, entre personagem e autor, há uma identificação projetiva. Em outras palavras, observa-se, explicitamente, uma conjunção ficção-realidade na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Desse modo, consoante Ribeiro (2016), o conceito de identificação projetiva foi postulado por Melanie Klein, em 1946, no texto "Notas sobre alguns mecanismos esquizoides", um clássico da literatura psicanalítica. Para a autora, a identificação projetiva pode ser compreendida como uma fantasia inconsciente entre analista e analisando e, de modo análogo, entre autor e personagem, podendo ter um caráter mais agressivo, expulsivo e, portanto, defensivo ou um caráter mais comunicativo, sendo que os mecanismos de cisão e projeção, em intensidades diversas, estão sempre implicados. Sendo assim, autores e personagens estão imbricados numa relação identitária, uma vez que os personagens de um escritor são as projeções dos desejos e vivências autorais.

De outra parte, vale destacar que, na obra *Vidas Secas*, denuncia-se a vida de penúria pela qual passavam os humanos retirantes e os animais não-humanos, tendo de enfrentar situações indignas a qualquer vivente, em face da luta pela sobrevivência, considerando a escassez extrema de recursos:

Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito; Encheu a cuia, ergueu-se, afastou-se, lento, para não derramar a água salobra; Pôs a cuia no chão, escorou-a com pedras, matou a sede da família (RAMOS, 2013, p. 7).

Sendo assim, tal conjuntura, explicitada na obra em apreço, representa uma condição deplorável tanto para o homem como para os animais. No entanto, o impacto da cena acima torna-se mais evidente quando se observa a indignidade a que os retirantes estavam submetidos, porém, muitas vezes, o estarecimento perante a situação insalubre em que os animais se encontram e procuram sobreviver não emerge com o mesmo senso de pesar. Outrossim, essa concepção antropocêntrica necessita ser desconstruída, a fim de que as questões éticas e ecológicas, de bem-estar de todos os viventes, possam ser postas em pauta no cenário contemporâneo como prioridade a uma nova cultura de ser e estar no mundo.

Para tanto, a Zooliteratura, de acordo com Maciel (2011), configura-se como um considerável substrato transversal, a fim de que se discutam questões filosóficas, éticas, ecológicas e psicanalíticas que permeiam as relações do humano com o não-humano, com o intuito de se desenvolver e garantir os direitos humanos e dos animais, inscrevendo-se, pois, nesse campo científico, uma nova forma de compreender o animal não-humano, o humano e as manifestações da animalidade. Nessa direção, emerge o vivo interesse do escritor Graciliano Ramos em abordar as afinidades e os limites que há entre humanos e não-humanos.

Retomando a obra *Vidas Secas*, cabe realçar que, segundo o personagem “Fabiano”, para vencer as adversidades impetradas pela condição famélica do retirante, é necessário ser tão resistente quanto um animal não-humano, visto que este suporta fome, sede, agressão, abandono e, ainda sim, encontra forças para continuar a luta pela sobrevivência: “Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades”; “— Um bicho, Fabiano” (RAMOS, 2013, p. 9). Dessa maneira, tal discurso, produzido por Graciliano Ramos, reconhece a animalidade que integra a condição do humano, capaz de despertar nele um espírito de bravura que o lança na superação dos embates da vida:

Não queria morrer. Ainda tencionava correr mundo. Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. Não queria morrer. Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem. — Um homem, Fabiano” (RAMOS, 2013, p. 11).

Nessa perspectiva, a iminência da morte, em face da escassez de recursos à subsistência, caracteriza-se como a maior das adversidades a serem enfrentadas pelos animais humanos e não-humanos. Daí, de acordo com o discurso acima do personagem “Fabiano”, reitera-se que a animalidade faz-se necessária ao enfrentamento da fome, a fim de vencê-la para abandonar tal estado de penúria que o aproxima cada vez mais dos animais não-humanos, subjugados a uma situação deletéria de sobrevivência: “Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos” (RAMOS, 2013, p. 33); “Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia” (RAMOS, 2013, p. 40). Entretanto, “Fabiano” ainda tinha um sonho: encontrar-se com a dignidade humana que é perdida em quadros de extrema miséria e, assim, tornar-se, verdadeiramente, um homem.

Outro aspecto importante da relação do humano com o animal inumano e com a própria condição humana na obra em exame é a afinidade com os animais que lhe estão próximos:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais; Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia; Às vezes, utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos — exclamações, onomatopeias (RAMOS, 2013, p. 9).

Nesse sentido, o autor de *Vidas Secas* retratou os mundos humano e não-humano, permeados de porosidade. Em outros termos, consoante Maciel (2011), a proximidade de um e outro transmite características similares a ambos e de ambos. Dessarte, a humanidade de um personagem se confunde com a animalidade do não-humano numa relação de reciprocidade.

Partindo dessa premissa, o retirante “Fabiano”, em contato contínuo e direto com os animais não-humanos, absorveu para si, com mais ênfase, a animalidade dos inumanos e estes se imbuíram de características que lembram os humanos, mas que, também, lhe são peculiares, uma vez que a expressão de sentimentos está presente nos não-humanos, evidentemente, num grau menor, mas a demonstração de emoções não é prerrogativa do homem, visto que os animais inumanos desenvolvem, também, essa capacidade. Segundo Maciel (2008), o narrador da Zooliteratura assume a persona do inumano numa atitude de espelhamento, de identificação ou pode ser, também, um exercício da animalidade que o habita.

Para Maciel (2011), Graciliano Ramos e outros escritores do campo da Zooliteratura buscam apreender, pela palavra articulada, o “eu” dos animais não-humanos, imaginando o que eles diriam se tivessem o domínio da linguagem humana, encarnando uma subjetividade possível (ainda que inventada) e sugestionando seus saberes acerca do mundo e da humanidade, visto que a lógica que rege a “fala” animal é outra e, muitas vezes, caracteriza-se como imperceptível à inteligência humana, despertando, assim, no homem, o conhecimento de sua ignorância.

Sob esse viés, a convivência diária entre humanos e não-humanos (como ocorre, na obra *Vidas Secas*, entre o vaqueiro e sua família e os animais do mundo rural) os aproxima não só fisicamente, mas também em outros aspectos, como por exemplo, na comunicação entre eles e, até mesmo, psicologicamente: “Deu um pontapé na cachorra, que se afastou humilhada e com sentimentos revolucionários” (RAMOS, 2013, p. 16).

Relativamente à linguagem, pode-se constatar uma grande proximidade entre “Fabiano e sua família” e os animais não-humanos como se atesta nos excertos que se seguem: “Na beira do rio haviam comido o papagaio, que não sabia falar. Necessidade; Fabiano também não sabia falar” (RAMOS, 2013, p. 14); “O pequeno sentou-se. Tinha um vocabulário quase tão minguido como o do papagaio que morrera na seca. Valia-se, pois, de exclamações, de gestos e Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender” (RAMOS, 2013, p. 21).

Nesse ínterim, o sertanejo “Fabiano” e sua família (“sinha Vitória, o menino mais novo, o menino mais velho e a cachorra Baleia”) possuíam dificuldade em manter diálogo com pessoas da cidade, que desfrutavam de uma linguagem mais elaborada, em virtude do processo de escolarização a que tinham acesso e da própria distância que mantinham dos animais do campo como pode ser reverberado nos fragmentos a seguir: “Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão” (RAMOS, 2013, p. 9-10); “Só sabia lidar com bichos” (RAMOS, 2013, p. 14). Desse modo, o autor de *Vidas Secas* chama a atenção para a diversidade cultural ao serem observados o campo e a cidade, uma vez que cada espaço apresenta as suas peculiaridades, cuja comunicação nem sempre é possível.

Sublinha-se, também, que Graciliano Ramos procurou coadunar a senciência dos animais não-humanos, apresentando, pois, a inteligência e a manifestação de sentimentos da “cachorra Baleia” conforme corroboram os trechos a seguir: “E Fabiano se aperreava por causa dela, dos filhos e da cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família, sabida como gente” (RAMOS, 2013, p. 14); “Baleia despertou, retirou-se prudentemente, receosa de sapear o pelo” (RAMOS, 2013, p. 16).

Entretanto, apesar da constatação científica e legal em alguns países, inclusive no Brasil, quanto à senciência dos animais não-humanos, é irrefutável que a capacidade cognitiva dos humanos é muito maior que a daqueles. Por outro lado, também é inquestionável que os animais não-humanos possuem inteligência e isso o autor de *Vidas Secas* já assinalava, em 1938, quando da publicação desse livro.

Isso posto, destaca-se que, segundo a Dra. Virgínia Williams, presidente do Comitê Consultivo Nacional de Ética Animal, em 2020, a condição dos animais como seres sencientes começa a ser reconhecida legalmente em diversos países da Europa (França, Portugal, Alemanha, Suíça, Áustria), da Oceania (Nova Zelândia e Austrália) e da América do Sul, como o Brasil. Esse é um grande passo para a conquista dos direitos

dos animais, visto que eles têm sentimentos (dor física e psicológica – angústia), podendo, pois, experimentar emoções negativas e positivas, além, é claro, de terem consciência de si e do seu entorno, mesmo que em nível diferente dos humanos.

Nessa linha de pensamento, o autor de *Vidas Secas* põe em relevo a “cachorra Baleia”, uma personagem não-humana que apresenta consciência do mundo que a cerca como se reverbera nos trechos a seguir:

Naquele dia a voz estridente de sinha Vitória e o cascudo no menino mais velho arrancaram Baleia da modorra e deram-lhe a suspeita de que as coisas não iam bem; Topou o camarada, chorando, muito infeliz, à sombra das catingueiras. Tentou minorar-lhe o padecimento saltando em roda e balançando a cauda. Não podia sentir dor excessiva. E como nunca se impacientava, continuou a pular, ofegando, chamando a atenção do amigo. Afinal convenceu-o de que o procedimento dele era inútil (RAMOS, 2013, p. 21).

Dessarte, é possível captar, através do discurso do narrador acima, que Graciliano Ramos nutria de profunda sensibilidade para captar as ações, reações e emoções dos animais, mais especificamente da “cachorra Baleia”, o que corrobora a consciência dos animais não-humanos, tão negada por muitos humanistas antropocêntricos ao longo da história da humanidade. Todavia, Montaigne (1980), na obra “Apologia de Raymond Sebond”, já defendia a ideia do animal como sujeito e chamava a atenção para a complexidade dos bichos, mostrando que eles são dotados de variadas faculdades, que, até então, eram ignoradas.

Na contramão da prerrogativa humana quanto à emotividade, destacam-se, no meio acadêmico, os estudos de Peter Wohlleben (2019), quando afirma, categoricamente, que os animais cuidam de seus membros, ajudam os indivíduos doentes e fracos e relutam até em deixar os mortos para trás. Isso ratifica a assertiva de que os animais são seres sencientes, posto que demonstram sentimentos (amor, tristeza, compaixão) e têm consciência de si e do seu entorno como coadunam as passagens que se seguem: “Baleia, imóvel, paciente, olhava os carvões e esperava que a família se recolhesse. Enfasiava-a o barulho que Fabiano fazia” (RAMOS, 2013, p. 24); “Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, inquieta. Na opinião dela, tudo devia estar no escuro, porque era noite, e a gente que andava no quadro precisava deitar-se” (RAMOS, 2013, p. 26).

Além de Wohlleben (2019), tais considerações vêm encontrando amparo científico graças às descobertas da etologia contemporânea. Sendo assim, Dominique Lestel (2002), em *As origens animais da cultura*, reafirma as constatações de Montaigne

(1980), ao mostrar a extraordinária diversidade de comportamentos e competências dos viventes não-humanos, que vão da habilidade estética até formas elaboradas de comunicação.

Posto isso, como afirma Lestel (2002), o humano atingirá um nível de conhecimento suficiente para entender uma racionalidade e uma subjetividade diferentes da sua? Essas agudas indagações ainda estão no campo do aberto conforme apregoa Agamben (2013), uma vez que a capacidade humana é infinita, estando, pois, em permanente evolução, entretanto, há de se reconhecer, também, a sua animalidade e a “outridade” do animal não-humano como alfineta Maciel (2008).

Consoante Maciel (2011), faz-se necessário, mediante estudos científicos rigorosos, desestabilizar as bases do humanismo antropocêntrico, problematizando as fronteiras entre humanidade e animalidade a partir de uma abordagem pautada no paradoxo: ao mesmo tempo em que devem ser mantidas as diferenças que distinguem os animais humanos dos não-humanos, é imperativo, também, que os humanos se reconheçam animais para se tornarem humanos, bem como não tratem os animais inumanos como inferiores, mas portadores de senciência e, como tais, devem ser respeitadas a inteligência e as emoções que lhes são peculiares e que, durante muito tempo, foram negadas pela ciência.

Com base nos trabalhos de Maciel (2011), é importante esclarecer que Graciliano Ramos, na obra *Vidas Secas*, afastou-se das fábulas tradicionais, uma vez que a personagem “cachorra Baleia” não aparece antropomorfizada nem está a serviço da edificação humana, num tom moralizante que constitui grande parte da Zooliteratura iniciante, mas aparece como animal-animal que expressa o que o autor imagina que ela pensaria, sentiria ou falaria se pudesse fazer uso da linguagem verbal tal qual os humanos.

Nesse processo criativo do autor de *Vidas Secas* quanto aos pensamentos, sentimentos e sonhos de “Baleia”, sublinham-se trechos que precedem a sua morte:

A cachorra Baleia estava para morrer, moribunda. Então Fabiano resolveu matá-la. Foi buscar a espingarda de pedermeira e fez tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito; Não conhecia o objeto, mas pôs-se a tremer, convencida de que ele encerrava surpresas desagradáveis; Mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras; Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás (RAMOS, 2013, p. 30-31).

Nas passagens acima, observa-se a animalidade de “Fabiano” e, em seguida, o altruísmo do animal não-humano, demonstrando responsabilidade na iminência da morte e gratidão aos seus donos como atestam os excertos a seguir:

E de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio vidrados. Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas (RAMOS, 2013, p.31).

Desse modo, esses últimos fragmentos corroboram a ambivalência das naturezas do humano e do não-humano: animalidade e sensibilidade. Em outras palavras, “as pulsões de morte e de vida”, defendidas por Freud (1915a, b).

Isso posto, considerando tal duplicidade na caracterização da essência humana, constata-se, também, nessa narrativa, a presença do remorso (a cobrança da “pulsão de vida” ou da consciência), quando o humano deixa-se guiar pela animalidade (“pulsão de morte”) conforme demonstra o trecho a seguir: “Pensou na mulher, nos filhos e na cachorra morta. Pobre de Baleia. Era como se ele tivesse matado uma pessoa da família” (RAMOS, 2013, p. 33).

No contexto do discurso acima, verifica-se o arrependimento do personagem “Fabiano” ou o sentimento de culpa que lhe fora despertado por ter atendido ao chamado da “pulsão de morte”. Tal constatação também pode ser reverberada nos trechos a seguir: “Por que seria que o coração dele se apertava? Coitadinha da cadela. Matara-a forçado, por causa da moléstia”; “Fabiano suspirou, sentiu um peso enorme por dentro. Se tivesse cometido um erro?” (RAMOS, 2013, p. 37). Esse questionamento corrobora a existência de uma personalidade humana conflituosa, permeada das duas pulsões: de vida e de morte, como apregoa Freud (1915a, 1915b).

Por fim, sublinha-se que, para Freud (1930), esse estado de sofrimento que experimenta o ser humano é o mais importante problema do desenvolvimento da civilização, sustentando que o preço que o humano paga pelas resoluções das adversidades cotidianas, utilizando meramente o racionalismo, caracteriza-se como uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa e da repressão do ego.

## **Conclusão**

A partir das discussões empreendidas neste artigo, reitera-se que a Zooliteratura é um campo, relativamente, recente que visa à ampliação do espaço dos animais na criação



literária, haja vista a premente necessidade de reconhecê-los como dotados de inteligência e permeados de emoções, a fim de que os seus direitos sejam respeitados, além de desconstruir a visão antropocêntrica, que sublinha os humanos como animais superiores, destituindo-os, portanto, de uma animalidade intrínseca, bem como retirando dos animais inumanos as faculdades da linguagem e da expressão de sentimentos. Evidentemente, tais características aparecem nos inumanos em menor nível que nos humanos, todavia essas capacidades também lhe são peculiares e carecem de reconhecimento legal, científico, literário e social.

Nesse sentido, analisar as relações do humano com o animal não-humano, no contexto da Zoocrítica, representa a possibilidade de desvelar as aproximações e os conflitos entre os seres humanos e os inumanos na imbricação com o ambiente, a sociedade e a cultura. A partir daí, emerge-se deste estudo a ambivalência da natureza humana e não-humana, despontando, assim, a animalidade do homem e as emoções do inumano, desconstruindo, pois, a visão de superioridade humana em detrimento dos outros animais.

Partindo dessa premissa, a obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, desempenha, primordialmente, o papel de denúncia da realidade, típico do Modernismo da 2ª fase (1930-1-945) à qual o escritor alagoano se integrou. Contudo, o autor ultrapassa a preocupação social no âmbito regional e alcança o cunho universal por intermédio da análise psicológica dos personagens, adentrando, assim, no âmago de “Fabiano, sinha Vitória, o menino mais novo, o menino mais velho e a cachorra Baleia”, revelando, pois, os sentimentos, as emoções, a linguagem e os sonhos dos personagens humanos e não-humanos

Por fim, mediante a Zooliteratura, é possível reforçar as relações do humano com o não-humano que transcendem essa área do conhecimento, requisitando, então, uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar que permeia os campos epistemológicos da Filosofia, da Psicanálise, da Antropologia, da Sociologia e demais áreas correlatas, com vistas a uma melhor compreensão da essência humana, inclusive de sua animalidade, além das questões éticas e ecológicas que envolvem a relação humana-inumana, pois, como afirma o escritor mineiro João Guimarães Rosa na obra *Ave palavra* (2015), “Amar os animais é aprendizado de humanidade”.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O Aberto: O Homem e o Animal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BORGES, Jorge Luís; GUERRERO, Margarita. *Manual de zoologia fantástica*. Fondo de Cultura Económica, México, 1966.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- COUTINHO, Afrânio. *As formas da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Bloch, 1984.
- DARWIN, Charles. *Descent of Man*. Princeton: Princeton University Press, 1981.
- DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. Tradução: Fábio Landa, São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- AYALA. Dizy. *Nova Zelândia reconhece legalmente todos os animais como seres sencientes*. 2020. Disponível em: <http://acaopelodireitosdosanimais.blogspot.com>. Acesso em 30.05.2021.
- FREUD, Sigmund. O Inconsciente. In: Sigmund Freud. *Obras Completas*. ESB, v. XIV, (1915a), cap. 7, p. 183-233.
- FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. In: Sigmund Freud. *Obras Completas*. ESB, v. XIV, (1915b), cap. 6, p. 129-162.
- FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização* (1930). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GREEN, A. *Narcisismo de vida. Narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.
- LESTEL, Dominique. *As origens animais da cultura*. 1. ed., São Paulo: Editora Instituto Piaget, 2002.
- MACIEL, Maria Esther. *O animal escrito: um olhar sobre a zooliteratura contemporânea*. São Paulo: Lumme Editor, 2008.
- MACIEL, Maria Esther. Exercícios de Zooliteratura. *Revista ComCiência*. Campinas-SP, n. 134, p. 1-4, jul., 2011.
- MACIEL, Maria Esther. *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- MACIEL, Maria Esther. A Zooliteratura tem um enfoque multifacetado. Entrevista concedida a Gianni Paula de Melo. *Revista Continente*, 2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/21139805/Entrevista\\_sobre\\_zooliteratura\\_Revista\\_Continente](https://www.academia.edu/21139805/Entrevista_sobre_zooliteratura_Revista_Continente). Acesso em: 28.05.2021.

MONTAIGNE, Michel de. *Apologia de Raymond Sebond*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes/UNICAMP, 2012.

PATTO, M. H. S. O mundo coberto de penas, família e utopia em *Vidas secas*. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 225-236, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *Les Vértiés de la Palice*, Maspero, Paris, trad. bras. *Semântica e Discurso*, ORLANDI, Eni. Editora da UNICAMP, 1975.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

RIBEIRO, M. F. da R. Uma reflexão conceitual entre identificação projetiva e enactment. O analista implicado. *Revista Cadernos de psicanálise*. Rio de Janeiro, v. 38, n. 35, p. 1-18, dez., 2016.

ROSA, João Guimarães. *Ave palavra*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

WOHLLEBEN, Peter. *A vida secreta dos animais*. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.